

REVISTA NJINGA & SEPÉ

Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade

Anibal João Tiane *

Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique -Moçambique

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0005-0821-5094>

RESUMO

Com a presente comunicação pretende-se discutir a permanência de nomes geográficos não oficiais (toponímia paralela/informal), que até à actualidade coexistem com os nomes geográficos oficiais na Cidade de Maputo. Trata-se de uma reflexão conduzida com recurso à pesquisa bibliográfica e documental, movida pelo questionamento que se coloca em torno das razões por detrás da permanência da toponímia paralela na Cidade de Maputo e pelo país todo, havendo nomes geográficos oficiais que designam os mesmos lugares. Debruça-se sobre a origem e significado histórico e social dos topónimos Bairro *Xinyembanini* e Bairro Magude, que coexistem respectivamente com os topónimos Bairro Luís Cabral e Bairro da Urbanização, na Cidade de Maputo. Argumenta que a permanência dos primeiros deve-se ao facto de, a toponímia paralela ou informal surgir muitas vezes de forma espontânea, reflectindo as vivências, experiências, memórias e identidades das comunidades que os usam, o que facilita a sua interiorização, aceitação e perpetuação. Aponta um catalisador social do fenómeno, que é a fobia que os *Rhonga* e os grupos mais privilegiados da população não colona residente nos bairros circunvizinhos tinham contra pessoas de grupos etnolinguísticos oriundos de outras regiões de Moçambique, que eram vistos como seus concorrentes no acesso aos recursos de sobrevivência na cidade. Conclui que o surgimento e manutenção dos topónimos em estudo são sustentados pela relação: migração e identidades, em que estes funcionaram como elementos de afirmação e exclusão de grupos na disputa pela construção de territorialidades.

PALAVRAS-CHAVE

Toponímia Paralela; Migração; Identidades; Territorialidades.

REVISTA NJINGA & SEPÉ

* Licenciado em História, pela Universidade Eduardo Mondlane, Pesquisador e Director dos Serviços Centrais de Padronização, no Instituto de Nomes Geográficos de Moçambique

Para citar este Resumo (ABNT): TIANE, Anibal João. Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), Vol.4, Nº Especial I, p. 396, 2024 (ISSN: 2764-1244). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34>

Para citar este Resumo (APA): TIANE, Anibal João (ago. 2024). Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela (informal) na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos Bairro Xinyembanini e Bairro Magude, de 1975 à actualidade. **Anais do 1º Seminário Internacional da Toponímia e Antroponímia (15 & 16 de ago. 2024) / Revista Njinga & Sepé.** São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial I): 396. (ISSN: 2764-1244). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=164RNVquM34>



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO ESTATAL E FUNÇÃO PÚBLICA
INSTITUTO DE NOMES GEOGRÁFICOS DE MOÇAMBIQUE, IP

Migração, identidades e a permanência da toponímia paralela/informal na Cidade de Maputo: o caso dos topónimos “bairro” *Xinyembanini* e “bairro Magude”, de 1975 à actualidade

Maputo, 16 de Agosto de 2024



ESTRUTURA DA APRESENTAÇÃO

1. INTRODUÇÃO
2. OBJECTIVO E METODOLOGIA
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO
4. DISCUSSÃO DE DADOS
5. CONCLUSÕES



1. INTRODUÇÃO

Com a constituição do primeiro Estado Moçambicano independente, a partir do ano de 1975, um dos pilares de afirmação da soberania nacional foi a introdução massiva na toponímia nacional de **nomes geográficos que resgatavam e exaltavam a identidade, valores, memórias e heróis da nação moçambicana.**

A Cidade de Maputo, a capital do país foi um dos, senão o maior palco dessa empreitada e serviu de modelo para as restantes cidades e vilas moçambicanas.

Maior parte dos nomes que tinham **conotação colonial, pejorativa e ou tribalista/regionalista** foram alvos de substituição ou de não anuência para uso oficial.



1. INTRODUÇÃO – cont.

Cedo regista-se uma espécie de resistência social à adopção e uso dos novos nomes:

- Praça dos combatentes vs *Xikheleni*; Praça dos trabalhadores vs *Ka Nwa Tinyoka*; Bairro 25 de Junho vs **Choupal**; Bairro George Dimitrov vs **Benfica**;
- Bairro Luís Cabral vs *Xinyembanini*; Bairro da Urbanização vs “**bairro Magude**”

Embora toponímia não seja aberta e objectivamente discutida (Mahumane e Tembe: 2023, 185), a permanência da toponímia paralela é uma preocupação das autoridades administrativas e não só, e tem suscitado questionamentos sobre as razões que ditam a sua permanência.



2. OBJECTIVO E METODOLOGIA

O objectivo principal é discutir o fenómeno da permanência de topónimos não oficiais na Cidade de Maputo, particularmente os topónimos “bairro” *Xinyembanini* e “bairro Magude”, buscando compreender e explicar as suas causas.

O trabalho é de natureza qualitativa conduzido com recurso à revisão de literatura e pesquisa documental e método histórico comparativo, que nos permitiu analisar as dinâmicas da toponímia ao longo do tempo e espaço.

De um conjunto de casos de ocorrência de toponímia paralela, analisamos dois, escolhidos por um lado em função das similaridades que apresentam e, por outro, devido às especificidades que os singularizam.



3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O estudo de nomes geográficos ou topónimos insere-se, segundo Sousa e Meneses (2011: 4) dentro da **Onomástica**, ciência cujo objecto de análise são os nomes próprios;

- especificamente na vertente da **Toponímia**, que ocupa-se efectivamente do estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, assim como dos rios, montes, vales, etc., isto é, estuda os nomes geográficos.
- Santos (2010:1) diz que os topónimos constituem um património cultural de grande valor para uma nação, porque, além de reflectir seus **padrões de ocupação** e sua **diversidade linguística**,
- podem possuir **diferentes significados para diferentes usuários** e estão inseridos na memória humana como pontos de referências diários e partes integrantes da história local ou nacional.



3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO – cont.

Discutindo sobre a **toponímia paralela**, Clementi e Isquierdo (2023:8-9) afirmam que trata-se de topónimos que, embora à margem de documentos oficiais, permanecem vivos, denominando lugares, povoados, vilas, rios e outros objectos geográficos, que podem coexistir pacificamente com os topónimos oficiais ou substituí-los.

Segundo Ngunga (2009:2), **os nomes mudam** porque fazem parte de culturas de povos, quer por **opção** dos seus detentores como consequência de contacto com novas realidades, novas necessidades, novas culturas, quer por **imposição** externa de algum tipo, quer por razão interna.

Quando um grupo relativamente grande de pessoas oriundas do mesmo local partilhando **língua e cultura** se desloca para terras distantes, há sempre tendência de usar o nome do seu local de origem para se referir ao local de chegada, a sua nova terra, como forma de **marcação e apropriação do território**.



4. DISCUSSÃO DE DADOS.

A Cidade de Maputo, entre os séculos XIX e XX, foi caracterizada por uma estratificação social influenciada por factores como a raça, cultura e poder económico, que se repercutiu na ocupação do espaço.

Haviam na cidade zonas ou bairros residenciais da população colona (brancos), bairros dos comerciantes, assimilados, bairros dos indígenas (população negra) e **terras/espacos “marginais” inabitadas**. Ribeiro e Rossa (2016:124-127)

O trabalho desempenhou um papel fundamental na estruturação das relações quotidianas entre o colonialismo português e as populações colonizadas, ao ponto de remeter as comunidades africanas aos subúrbios e **espacos mais recônditos**, que eram os acessíveis às populações com baixa renda. Jerónimo e Domingos (2015), citados por Ribeiro e Rossa (2016:116)

Este fenómeno não era muito notório para os “tsongas da baía”, sobretudo os Mpfumu, que por serem o povo nativo do território.



4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Mahumane (2007: 97) diz que o Bairro Luís Cabral surgiu no tempo colonial ± 1960 e a sua designação desde o seu surgimento foi Chinhambanine (*Xinyembanini*, em L. Ronga) – traduzido: pequeno Inhambane/local onde residem os que provem de Inhambane “Manhembanes”.

Os que não são “Manhembanes”, que residem noutros bairros da cidade é que atribuíram-lhes a categoria de “Manhembanes” e o local onde residem o nome “Chinhambanine”. Mahumane (2007:110).

Sobre a prevalência dos dois topónimos (oficial e paralelo), Mahumane (2007:106) destaca que há uma tendência da 3ª idade referir-se ao bairro com o nome de *Xinyembanini* e a ocorrência de permuta das designações para se referir ao bairro em alguns casos.



4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Segundo Naife (2002,12), o denominado Bairro Magude, é oficialmente parte integrante do Bairro da Urbanização, e é constituído por uma área que outrora era uma lixeira, encerrada em 1975.

Por volta de 1987/88, chegaram à zona da antiga lixeira as primeiras pessoas a fixarem residências ali, que eram na sua maioria oriundas do Distrito de Magude.

Referindo-se à origem do nome do bairro, Naife (2002,20-21) diz que, embora oficialmente seja parte do Bairro da Urbanização, desde o início do povoamento da zona, sempre foi chamado “bairro Magude” e o nome ainda persiste.

O autor aponta os **moradores do vizinho Bairro da Mafalala como os que começaram a usar o nome “bairro Magude”** ao se referir à nova zona habitacional surgida da antiga lixeira, nome este que está relacionado com a proveniência da maioria dos seus primeiros residentes (o Distrito de Magude).



4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Dos dados recolhidos, foi demonstrada a ocorrência e uso no quotidiano dos residentes da cidade de Maputo dos topónimos estudados.

A sua permanência pode ser entendida na perspectiva de Clementi e Isquierdo (2023:9) segundo a qual **a perpetuação da toponímia paralela depende muito da memória colectiva dos habitantes da localidade** e da possibilidade de desaparecimento, com as mudanças de gerações e de interesses; e

Mahumane e Tembe (2023:190) que apontam razões relacionadas com **memória, hábito e ausência de acções** concretas para a ampla adopção dos novos topónimos.

No caso, as motivações que os deram origem resistiram ao tempo e interesses supervenientes, embora estejam gradualmente cedendo às mudanças de gerações.

Tanto um quanto o outro topónimo, não foram atribuídos pelos respectivos residentes daquelas zonas mas pelos seus vizinhos.



4. DISCUSSÃO DE DADOS – cont.

Assim, os topónimos “bairro” *Xinyembanini* e “bairro Magude” eram usados por aqueles de forma depreciativa, na medida em que carregam consigo a ideia do outro diferente e inferior.

Entretanto, para os residentes de *Xinyembanini* assim como do “bairro Magude” os nomes foram assumidos com uma outra visão, a de reconhecimento, afirmação e preservação de suas identidades de origem, através dos dois topónimos que se referem aos seus territórios de proveniência (Inhambane e Magude).

Disto, deduzir-se que, enquanto para os *rhonga* e outros grupos de residentes dos bairros vizinhos, a adopção destes nomes significava, repulsa, exclusão dos vindouros (estranhos à sua identidade), para os “acolhidos”, os nomes significavam a afirmação das suas identidades, consubstanciada com a criação de novas territorialidades, com ligações toponímicas dos territórios de origem.



5. CONCLUSÕES

O surgimento e manutenção dos topónimos estudados são sustentados pela relação entre a migração e identidades, em que estes funcionaram como elementos de afirmação e exclusão de grupos na disputa pela construção de territorialidades.

A fobia que os *Rhonga* e os grupos mais privilegiados residentes nos bairros circunvizinhos tinham contra pessoas de grupos etnolinguísticos oriundos de outras regiões de Moçambique, que eram vistos como seus concorrentes no acesso aos recursos de sobrevivência na cidade, foi por muito tempo um catalisador social da manutenção dos dois topónimos.

Hoje em dia, os dois topónimos mantêm-se “vivos” porque continuam na memória social, sobretudo em indivíduos de idade adulta, como marcas indeléveis de um tempo por eles vivido e que resiste às designações actuais, por causa do que os nomes representam na memória colectiva bem como por hábito.



MUITO OBRIGADO

Um lugar, uma identidade, uma cultura

Aníbal João Tiane

e-mail: anibaljo2009@gmail.com